**Introdução**

Emmanuel inicia essa lição fazendo uma tradução das palavras de Jesus. Ele nos explica que ao utilizar os símbolos do cadáver e das águias Jesus estava na verdade alertando a todos aqueles que desejam promover sua renovação espiritual para nossa necessidade de combater as trevas interiores nas quais temos mergulhado ao longo de nossas existências.

E assim como Jesus, o próprio Emmanuel se utiliza de uma simbologia para nos trazer sua mensagem: ele nos adverte de que não é possível eliminar o pântano atirando-lhe flores. O pântano do qual Emmanuel fala é o terreno íntimo de nossas sombras, manifestadas através do desânimo, da estagnação, do pessimismo, da tristeza e das lamentações. E se queremos realmente realizar nossa depuração espiritual, esse terreno precisa ser saneado. Flores, porém, não são suficientes para se extinguir um pântano. O solo apodrecido, ainda que coberto de flores, continua sendo, por debaixo de toda beleza e de todo perfume, um local insalubre. Na simbologia de Emmanuel as flores representam as desculpas que damos para tentar ocultar o terreno de nossas imperfeições. Elas são a maquiagem de que nos valemos para não encarar de frente nossa verdadeira essência. Se queremos, de fato, corrigir nossas imperfeições, o primeiro passo a ser dado é admitir que nós as possuímos; o segundo é encará-las de frente mas para isso é preciso vasculhar o porão de nossa consciência, é preciso revolver o pântano mencionado por Emmanuel, sem desculpas, sem maquiagens, sem disfarces. Sem essa postura de nos confrontarmos com nossa própria realidade, o tempo passará, as oportunidades passarão mas nós não evoluiremos.

Emmanuel prossegue dizendo que os corvos reúnem-se nos lugares onde haja corpos em decomposição dos quais eles possam se alimentar. Encontramos nesse e em alguns outros comentários de Emmanuel ao longo dessa lição, referências muito fortes à morte física. Num primeiro momento isso nos parece um pouco contraditório. Afinal de contas, o Espiritismo tem nos ensinado que a morte não existe e que a interrupção da vida no corpo físico representa tão somente o retorno do Espírito à sua pátria de origem. Então porque Emmanuel nos remete à ideia da morte física? Vamos nos aprofundar um pouco nessa questão.

**Desenvolvimento**

Existe uma certa controvérsia sobre a passagem do evangelho de Matheus utilizada por Emmanuel nessa lição. Alguns céticos e opositores do Cristianismo dizem que essas palavras de Jesus seriam falsas já que ao falar de cadáveres Jesus deveria ter mencionado os abutres e não as águias.

Por outro lado, estudiosos do Novo Testamento afirmam que Jesus, ao falar de águias, estava alertando seus discípulos quanto aos perigos vindos do Império Romano. Isso porque a águia é uma imagem presente com muita frequência nos símbolos do Império Romano. Em alguns deles a figura da águia é acompanhada pelas letras SPQR, iniciais das palavras em Latim Senātus Populusque Rōmānus que significam “O Senado e o Povo de Roma”. Então, sob esse ponto de vista seria da águia do Império Romano que Jesus falava nessa passagem.

O Espiritismo nos dá duas recomendações muito claras para ampliarmos nossa capacidade de compreender os ensinamentos de Jesus e as leis de Deus: a primeira é que nós procuremos nos instruir; a segunda é que precisamos aprender a retirar o espírito da letra, ou seja interpretar as palavras além do sentido superficial que elas nos trazem.

No que diz respeito à Jesus ter citado as águias em vez dos abutres, primeiro é preciso considerar que O Novo Testamento foi escrito em Grego Helenístico, idioma predominante na parte ocidental do Império Romano ao tempo de Jesus. E em Grego Helenístico a palavra ἀετοί, embora seja geralmente utilizada para designar águias, pode também ser traduzida como aves de rapina, entre as quais estão os abutres. Outro ponto muito importante a ser observado é que as palavras de Jesus presentes nessa passagem do evangelho de Matheus foram também registradas em Lucas 17:37. Mas há uma diferença: em Matheus está escrito “onde estiver o cadáver” enquanto que em Lucas nós temos “onde estiver o corpo”. Portanto, de acordo com o evangelho de Lucas, Jesus poderia estar falando tanto daquilo que está morto quanto daquilo que está vivo.

É aqui que entra a recomendação do Espiritismo para tirarmos o espírito da letra: quando Jesus pronunciou essas palavras ele falava aos seus discípulos sobre os sinais da vinda do Reino de Deus e chamava a atenção deles para a necessidade dos homens de se preocuparem com as coisas do Espírito e não com as coisas da matéria. Se aplicarmos esse mesmo critério sobre a lição que estamos estudando, vamos facilmente compreender que Emmanuel, ao falar de corvos e corpos apodrecidos, está falando não da morte física mas, sim, da morte espiritual.

Como assim, morte espiritual? Falamos agora a pouco que o Espiritismo nos ensina que a morte não existe mas agora dizemos que Emmanuel fala da morte espiritual. Mas é exatamente isso.

A advertência de Emmanuel é para que nossas vidas sejam sempre pautadas na dinâmica do trabalho edificante que Jesus espera que nós realizemos. Quando nos detemos nas lamentações e nas queixas de todos os tipos, nós estagnamos, transformando-nos nas almas que não enxergam nem ouvem além das próprias aflições. E aí ocorre a morte espiritual.

Na obra Nosso Lar, ditada por André Luiz à Francisco Cândido Xavier, no capítulo 27 intitulado “O trabalho, enfim”, André Luiz relata a condição deplorável dos mortos-vivos recebendo atendimento nas câmaras de retificação. Acompanhado de Tobias e Narcisa, ele viu de perto espíritos sofredores, de semblante cadavérico e que mal conseguiam respirar. E em determinado momento esses espíritos começam a exalar uma substância escura e mal cheirosa qual se fossem verdadeiros cadáveres.

Tobias explica a André Luiz que aqueles eram os crentes negativos. Pessoas que viveram em completo egoísmo, sem acreditar na vida e no trabalho, admitindo apenas o nada e a vitória do crime. Transformaram a experiência humana em constante preparação para um grande sono e sem possuírem qualquer ideia do bem, não lhes restava alternativa senão dormirem por longos anos padecendo de terríveis pesadelos.

Isso é a morte espiritual. E não é esse estado da alma, uma condição muito pior e muito mais grave do que as enfermidades e a morte do corpo físico? Porque os sofrimentos do corpo um dia terão fim. Por piores que eles sejam, uma dia a máquina humana deixa de funcionar e a morte física acontece. Mas a morte espiritual não tem data para terminar. Ela depende de uma profunda vontade do espírito de sair daquela condição, o que não acontece simplesmente com a passagem do tempo.

Vamos agora recorrer à codificação espírita para compreendermos um pouco melhor algumas advertências de Emmanuel.

Allan Kardec elaborou O Livro dos Médiuns para servir como um guia para os médiuns e evocadores, definição que ele mesmo colocou no início da obra. É preciso que nós nos lembremos, no entanto, que médiuns todos nós somos isto é, todos nós temos, de uma forma ou de outra, condições de entrar em contato com o Mundo Espiritual. Embora possamos não ser médiuns escreventes, audientes ou psicofônicos, ainda assim podemos estar – e efetivamente estamos – em constante contato com os espíritos desencarnados. Kardec nos fala que desde que os homens existem os Espíritos também existem e que, portanto, desde todos os tempos os Espíritos exerceram influência salutar ou perniciosa sobre a humanidade. Portanto, as explicações dadas por Kardec e que nós apresentaremos a seguir, embora tenham sido inicialmente direcionadas aos médiuns, aplicam-se perfeitamente a todos nós.

No capítulo XXIII de O Livro dos Médiuns, capítulo intitulado “Da Obsessão”, Kardec define a obsessão como sendo o domínio que alguns espíritos logram adquirir sobre certas pessoas e classifica a obsessão da seguinte forma:

1 – Obsessão simples: é aquela na qual o que ocorre não é mais do que o inconveniente causado por um espírito que é muito mais ignorante do que mal e que insiste em se comunicar;

2 – Fascinação: é uma obsessão com consequências mais graves pois a ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium produz uma ilusão que faz com o que médium não acredite estar sendo enganado;

3 – Subjugação: pode ser moral ou corporal. Quando ela é moral, o subjugado é constrangido a tomar resoluções absurdas e comprometedoras que ele julga serem sensatas por estar iludido. Quando a subjugação é corporal o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários no subjugado.

Dois aspectos precisam ser observados por nós quando falamos de obsessão. O primeiro é que a obsessão só poderá atingir os estágios mais graves se for mantida a sintonia entre o obsessor e o obsidiado. O segundo aspecto é que a obsessão é uma via de mão dupla, o que significa dizer que ela nem sempre ocorre de um desencarnado sobre um encarnado. Em geral nós pensamos que todos os casos de obsessão são assim, mas não são. A obsessão pode ser de um encarnado sobre outro encarnado, de um desencarnado sobre um encarnado, de um encarnado sobre um desencarnado e, por fim, de um desencarnado sobre outro desencarnado.

E onde todos esses conceitos se encaixam na lição de Emmanuel? Primeiro quando ele nos adverte que nós deveríamos ser bastante cautelosos ao reclamarmos da influência de verdugos e obsessores, pois muitas vezes o que acontece é exatamente o contrário. Fazemo-nos de vítimas quando somos, na verdade, algozes. Colocamo-nos na condição de encarnados sofrendo terríveis influências de desencarnados mas somos nós que estamos influenciando negativamente irmãos desencarnados. É por isso que Emmanuel diz que nossas afirmativas dessa natureza não acusam outros, senão a nós mesmos.

As explicações de Kardec também vem de encontro aos ensinamentos de Emmanuel quando ele diz que as aves impiedosas se reúnem em torno de cadáveres ao abandono e que os corvos voam para outras regiões quando se limpa o campo onde permaneciam. Enquanto nós permanecermos na linha dos pensamentos e sentimentos negativos as aves impiedosas estarão junto a nós. Mas a partir do momento em que mudamos a nossa sintonia, afastando de nossas mentes e de nossos corações as coisas de ordem inferior e, principalmente, a partir de momento em que nos colocamos na condição de aprendizes capazes de dar nossa colaboração na obra do Cristo, os corvos das sombras e da morte irão embora para outras regiões pois já não existirá mais afinidade entre nós e eles.

**Conclusão**

Emmanuel finaliza afirmando que todo aquele que se diz infeliz coloca-se na condição de um recipiente de coisas mortas mas que basta a vontade sincera de renovar a atmosfera na qual respira para repelir as aves escuras da tristeza e do negativismo. E ele ainda nos pede para lutarmos contra os cadáveres de qualquer natureza que se alojem dentro de nós, permitindo que o sol da espiritualidade nos envolva clareando e purificando os nossos caminhos.

Esse é o convite de Emmanuel: que nos dediquemos cada vez mais e melhor ao trabalho na seara de Jesus. Quando olhamos exclusivamente para nossos problemas, agindo com egoísmo, ignorando as dores, as dificuldades e os sofrimentos dos nossos irmãos de caminhada, nossos problemas se agigantam diante de nós. E se insistirmos em permanecer nessa atmosfera inferior, transformaremos nosso mundo íntimo em um túmulo que abrigará por tempo indeterminado os cadáveres criados por nós mesmos. Por outro lado, quando procuramos colaborar na obra do bem, atendendo àqueles com dificuldades maiores que as nossas, nossos problemas tornam-se menores e passamos a ver a vida com mais felicidade.

Procuremos combater a morte do Espírito trabalhando com Jesus; Ele nos prometeu e nos tem concedido a vida e vida plena e abundante. Busquemos a construção de nossa própria felicidade através da parcela de trabalho que cada dia nos oferece, aprendendo a servir e servindo aprendendo. Sempre.